

# Deputada Joacine Moreira quer retirar pinturas do açoriano Domingos Rebelo da Assembleia da República

A deputada não inscrita Joacine Katar Moreira recomendou ao governo uma “contextualização histórica crítica” das sete pinturas do Salão Nobre da Assembleia da República, algumas delas do pintor açoriano Domingos Rebelo, e que o executivo planifique a sua retirada para “um espaço museológico”.

No projeto de resolução — que não tem força de lei — a ser entregue pela deputada ao parlamento, Joacine Katar Moreira argumenta que “urge contextualizar os problemáticos painéis presentes no Salão Nobre, na medida em que garantem o prolongamento da visão do Estado Novo da normalização da subjugação de outros Povos e Culturas e demais violências associadas, assim como da glorificação do passado colonial português”.

Joacine diz ainda que “as sete pinturas em causa chocam pela forma como os pintores escolheram retratar os povos colonizados, em posições de subalternidade, permissividade e infantilidade e pela forma heróica como retrataram o poder colonial e a sua empresa, normalizando-a e a toda a sua violência, omitindo os impactos dessa subjugação nos povos e territórios capturados e explorados”.

“A exposição destas sete pinturas no espaço das receções oficiais — e muitas vezes onde são recebidos Chefes de Estado, diplomatas e entidades oriundas dos países ali humilhados — contribuiu para a naturalização da subjugação dos povos, a relativização ou omissão da repressão, da opressão e da exploração coloniais, numa perspetiva da história que permanece colonial, que é racista e que é pretensiosamente “só” na negação constante de factos históricos que recordam o passado de violência e subjugação”, aponta.

## Investigador insurge-se

Vasco Medeiros, Investigador do Artis – Instituto da História da Arte da



Quatro dos sete painéis no salão nobre do parlamento são do pintor açoriano Domingos Rebelo

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, escreve no Observador que “não se percebe porque é que tendo por objectivo a referida contextualização iconográfica e iconológica das obras, a deputada sugere a retirada das mesmas do local para o qual foram pensadas e criadas. As referidas obras, atribuídas aos pintores Sousa Lopes e Domingues Rebelo, e pintadas entre 1944 e 1945, inserem-se no espírito das comemorações da Exposição do Mundo Português de 1940. A qualidade das referidas pinturas não está em questão. Para a referida deputada, as mesmas transmitem ideais de subalternidade e subjugação dos povos. Relembremos que a referida Exposição do Mundo Português de 1940 incluía precisamente a chamada secção colonial, onde à semelhança da

exposição colonial do Porto de 1934, o regime pretendia repetir o grandioso acto de propaganda colonial na metrópole. Os aspectos degradantes destas exposições estão amplamente debatidos e a imanência da memória dos mesmos será vital para impedir que se repitam”.

Num longo artigo explicativo sobre as pinturas e as suas representações, Vasco Medeiros faz notar “que o que Joacine pretende, é assumir-se como personalidade pensante tutelar. A sua visão extingue as demais. Joacine não contempla sequer a existência de outras formas de ver e sentir os objectos em questão que, recorde-se, não motivam nem pela qualidade, nem pela polémica, a actual discussão. Os mesmos integram-se no vasto e complexo mecanismo de significação da arte, um

sistema que Omar Calabrese caracteriza enquanto fenómeno participante no sistema mais vasto da história da cultura. Calabrese integra precisamente a pluralidade de visões, como um dos mecanismos mais valiosos da criação artística, recordando-nos que a cultura constitui um depósito de informação socializada e um reservatório plurilingue, e que é precisamente esse plurilinguismo que permite a confrontação com outras culturas. Joacine, à semelhança dos demais adeptos da Cancel ou Call-out Culture ou do movimento Woke, tomam a nuvem por Juno. Os objectos artísticos constituem o espectro visível do momento cultural em que são feitos. Por este motivo, inscrevem no futuro traços culturais indelévels mas frágeis — o espaço perene da memória colectiva.”

## Vem aí um videojogo sobre a 1ª Grande Guerra nos Açores



Dá pelo nome de Laura, tem como cenário de fundo o arquipélago dos Açores e centra-se na Primeira Grande Guerra.

Ainda em fase de desenvolvimento, o videojogo português é um top-down single-player 3D para PC, mas que pode também vir a ter versões para a PS4 e Nintendo Switch.

Segundo a produtora portuguesa PolyWeld, o videojogo Laura é um título ‘edutainment’ que acompanha a pequena Laura de 7 anos pelo Monte Brasil. O modo de funcionamento é Point & Click e, por isso, o jogador coleciona

plantas da flora típica dos Açores, além de construir herbários.

Este é o primeiro jogo português a focar-se na temática da Grande Guerra e a forma como esse evento deixou marcas em Portugal e as ligações que o país tinha com a Alemanha e os Estados Unidos da América nessa altura.

### Floresta laurissilva açoriana para cumprir missões

A estrutura do título inclui também o modo colecionável e, nesse sentido, terá que recolher vários itens, como

por exemplo, as folhas de louro das florestas laurissilva das ilhas açorianas, para cumprires missões.

A produtora portuguesa avança ainda que está a desenvolver o videojogo como uma veículo de comunicação. Tudo para que os jogadores sejam transportados pela cultura e ambientes únicos da Ilha Terceira.

Também o nome do jogo e da personagem principal Laura, tem inspiração açoriana retirada precisamente das florestas laurissilva, presentes no arquipélago.